

FATOS E NOTAS

A PADROEIRA DOS FILÓSOFOS.

RUY AFONSO DA COSTA NUNES
da Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo.

Não podia ser indiferente às moças do século XII o fato de ser uma mulher reverenciada pelos filósofos e teólogos como a sua padroeira. Elas deviam ver com satisfação que o dia da festa de Santa Catarina de Alexandria era feriado na Universidade de Paris. Por isso, embora não pudessem freqüentar as faculdades como os rapazes — impossibilidade que se manteria por muitos séculos — o nível das suas aspirações devia ser bem elevado em matéria de estudos, quando se leva em conta que os maiores sábios da Idade Média liam com enlevo e devoção a *Conversio* e a *Passio* de Santa Catarina de Alexandria, a jovem de 18 anos que brilhou pela beleza do corpo, mas ainda muito mais pela beleza da virtude, como cantou Alfano, monge de Monte Cassino e arcebispo de Salerno, em sua *Ode em louvor de Santa Catarina* (1). Não foram, porém, os atributos morais os únicos a determinarem a elevação de Catarina às culminâncias do culto a ela prestado pelos universitários medievais. Como diz o mesmo Alfano noutro hino, *Cantus in laudem S. Catharinae Virginis*, “a doutora confundiu os sábios”. Com essa afirmação ele se reportava à discussão que Santa Catarina manteve, conforme a *Passio*, com os cinqüenta filósofos que ela dominou com o peso da doutrina e o fascínio das palavras.

A Universidade de Paris contava no início do século XIII com as Faculdades de Artes e de Teologia. Mais tarde, pelo fim do século, ela também integra as de Direito e Medicina. A Faculdade de Artes era propedêutica às demais. Desempenhava papel semelhante ao dos

(1). — Alphanus, *Carmina*, Migne, PL 147, cl. 1240 A. C.

nossos cursos colegiais. Por essa razão, ela era a faculdade que contava com mais alunos e justamente com os mais novos. Essa numerosa população escolar das Artes subdividia-se em Nações que agrupavam os alunos de acordo com a sua procedência e a língua que falavam. Eram quatro: a Nação “Francesa” (alunos da Île de France), a Normanda, a Picarda e a Inglesa (alunos do Norte da Europa). As salas de aula dos “artistas” achavam-se distribuídas pelas ruas da Palha (*in vico Straminis*) e dos Brunelli. Cada uma das Nações tinha os seus santos de especial predileção, tal como os membros das várias corporações possuíam os seus santos padroeiros. Assim, em Paris as Nações cultuavam os santos patronos da Universidade, como Nossa Senhora, São Nicolau e Santa Catarina de Alexandria, mas cada uma delas possuía o seu próprio padroeiro. A Francesa a princípio cultuava São Tomás de Cantuária, e, mais tarde, São Guilherme, arcebispo de Bourges, e antigo aluno da Universidade. A Picarda honrava São Nicolau, mas os membros da diocese de Amiens cultuavam São Firmino. A Nação Normanda venerava São Romano, arcebispo de Rouen, enquanto a Inglesa honrava, entre outros santos, Santo Edmundo, o rei martir (2).

É de admirar que os estudantes tivessem preferido a virgem-martir de Alexandria a muitos outros santos que se notabilizaram como lumináres da ciência teológica, tanto no fim do mundo antigo, no período da Patrística, como durante a Idade Média.

O dia de festa dos patronos da Universidade era feriado. As celebrações concentravam-se na missa solene, na qual o panegírico costumava ser feito por um mestre da Universidade. Os estudantes aproveitavam esse dia de folga para colocarem em dia as suas obrigações de estudo ou para descansar durante algumas horas nos arredores de Paris. A devoção para com Santa Catarina era tão acendrada que, de acordo com um Calendário da Universidade no século XIV, o feriado da Santa já se iniciava na véspera da sua festa, a 24 de novembro, quando não havia aula na rua da Palha desde as 9 horas, e no claustro de Notre Dame desde as 15 horas, *propter beate Khaterine*. No dia da festa, 25 de novembro, não havia aula em parte alguma. Ainda no dia seguinte, a 26, a piedosa abstenção das aulas em homenagem a Santa Catarina prosseguia na rua da Palha e na rua Brunelli, enquanto noutros locais se retomavam os trabalhos escolares. Todavia, no dia 2 de dezembro, o Calendário registra “dia de festa”, por se tratar da oitava de Santa Catarina (3).

(2). — Pearl Kibre, *The Nations in the Mediaeval Universities*. Cambridge, Massachusetts, Mediaeval Academy of America, 1948, pág. 79.

(3). — *Kalendarium ad usum universitatis Parisiensis*, in *Chartularium Universitatis Parisiensis*, t. II, Appendix, nº 1191, pág. 715.

Muitas vezes, para não dizer em quase todos esses dias de festa, os estudantes externavam a sua devoção de forma pouco devota. Devido a isso é que no dia 22 de novembro de 1492 os bedéis da Nação Inglesa procuraram os mestres regentes para lhes recomendar que em suas aulas advertissem os alunos, a fim de que na festa de Santa Catarina *ne faciant illas insolentias solitas*, não cometessem os costumeiros abusos, ou, no caso de os perpetrarem, que a Nação lhes aplicasse uma punição exemplar (4). De que gênero seriam essas *insolentias solitas* contra as quais os bedéis da Nação Inglesa vinham pedir aos professores que prevenissem os alunos? Tratava-se de tradicionais orgias de estudantes, como o testemunha um documento do século XIII registrado pelo *Chartularium Universitatis Parisiensis*. A 6 de dezembro de 1276, o legado papal Simon de Brie ameaçava com a excomunhão os estudantes que profanassem os dias de festa com danças em público, porte de armas, bacanais e outras impiedades. Outrora, diz ele, esses dias festivos eram celebrados com toda a reverência, por meio de orações, esmolas e outras práticas de piedade. Hoje, no entanto, o suave tom da cítara converteu-se em lúgubre lamentação e o odor da devoção transmutou-se no mau cheiro da lascívia. Os estudantes, prossegue o Legado, abandonaram a devoção com que celebravam o culto divino, desprezaram as obras de caridade, para se entregarem apenas às comezainas, bebidas e outros atos reprováveis. O que é pior ainda — *dictu horribile factoque nephandius* — atrevem-se a jogar dado sobre os altares, blasfemando os nomes sagrados do Criador e da santa Virgem (5).

Aliás, um ano antes, a 5 de dezembro de 1275, a Faculdade de Artes proibia que estudantes ou professores promovessem danças nas ruas, de dia ou de noite, com ou sem tochas, uma vez que tal modo de agir não se compadecia com a condição de clérigos, mas, bem ao contrário, atentava contra o decoro da cléricatura. Além disso, esse decreto era precedido por um esclarecimento revelador a respeito da Festa de Santa Catarina, pois determina que nenhum mestre participe de festa a não ser na principal de uma só nação, exceto as de São Nicolau e de Santa Catarina “que são comuns e solenes para todo o clero” (6).

Mas, afinal, quem havia sido Santa Catarina de Alexandria e por que teria sido escolhida por padroeira de filósofos e teólogos? Hoje sabemos que a *Conversio* e a *Passio* de Santa Catarina são rela-

(4). — Samaran-Van Moé, *Auctarium Chartularii Universitatis Parisiensis*, Tomus III, *Liber Procuratorum Nationis Anglicanae (Alemanniae)*. Paris, Didier, 1942, c. 814, 1, 37.

(5). — *Chartularium Universitatis Parisiensis*. Bruxelles, Culture et Civilisation, 1964, CF. T. I, nº 470, pág. 540.

(6). — *Chartularium*, I, nº 461, pág. 532.

tos lendários, e que do tempo imediato à presumida data em que a santa foi martirizada não resta nenhum documento oficial ou litúrgico. O certo, porém, é que o culto de Santa Catarina se desenvolveu no Oriente, tendo por centro uma virgem cristã que sacrificou a vida pela fé, durante a grande perseguição de Diocleciano, quando no Ocidente reinava Maxêncio e no Oriente Maximino Daia, o *kakias didáskalos*, o mestre da maldade, conforme Eusébio de Cesaréia (7).

Catarina, filha de um certo rei Costus, depois de ter ficado órfã de pai, converteu-se à religião cristã, passando a unir a sua proficiência na filosofia ao ardor quanto ao estudo da Sagrada Escritura, sobre ser uma jovem de beleza notável. Como ela interpelasse o imperador Maximino, em Alexandria, a propósito da perseguição aos cristãos, e como o confundisse com o brilho da sua sabedoria, veio a ser martirizada com a decapitação no dia 25 de novembro de 305, depois de ter arrostado vários suplícios, tendo sido mesmo ameaçada com a roda de cravos e serras, medonha peça de tortura que a Providência Divina reduziu a estilhaços, fatais para muitos pagãos que se deleitavam com a cena. Antes, porém, de obter a palma do martírio, em prova mais leve, Catarina teve de enfrentar os cinquenta filósofos que Maximino convocou para confundir a mocinha de 18 anos que argumentava em defesa da fé, recorrendo à literatura, à matemática e à filosofia. Depois de ter emudecido o principal orador dentre os filósofos, os outros declararam ao imperador que desistiam da contenda e, mais ainda, converteram-se à fé cristã movidos pela inspirada doutora. Vendo-se contrariado, Maximino ordenou que todos os filósofos fossem queimados, e Catarina exortou-os corajosamente ao batismo de sangue pelo amor de Cristo (8). A respeito da atitude desses filósofos, que deram a vida pela verdade, diz o Padre Antônio Vieira no belo *Sermão de Santa Catarina*, pregado à Universidade de Coimbra em 1663:

“Qual vos parece que é a maior e mais forte tentação em que se pode ver um homem letrado? A maior tentação de um letrado é conhecer a inclinação, e vontade, e o empenho do rei, e não torcer da verdade nem acomodar as suas letras ao que ele quer”.

Mas os 50 filósofos, conhecendo a vontade e o empenho do imperador,

(7). — Eusèbe, *Histoire Ecclésiastique*. Texte Grec et Traduction française par Émile Grapin. Paris, Picard, 1911, Cf. L. VIII, XIV, 11, Tomo II, pág. 486.

(8). — Symeon Metapharstes, *Vitae Sanctorum. Martyrium Sanctae et Magnae Martyris Aecaterinae*, in Migne, *Patrologia Graeca*, t. 116, cl. 275-302.

“antes quiseram perder a vida e ser lançados, como foram, em uma fogueira, que desdizer, nem torcer um mínimo ponto do que entenderam que era a verdade”.

Nesta passagem do Sermão, Vieira exalta a inteireza moral dos filósofos que sacrificam a vida mas não imolam convicções para satisfazer um todo, ainda que esse tolo esteja adornado com as insígnias do supremo poder. Demais disso, Vieira ainda enaltece a honestidade intelectual dos sábios que não recuam diante da pública confissão dos seus erros, o que vem a ser uma extraordinária prova de sabedoria.

“Conhecer um sábio a sua ignorância, ou o seu erro, diz Vieira aos doutores de Coimbra, é muito fácil: não fôra sábio, se o não conhecera. Porém, chegar ao confessar, e confessa-lo publicamente, é o ponto mais árduo e dificultoso a que se pode reduzir o brio humano, e tanto mais quanto maior for o nome, a opinião e o grau que tiver de douto”.

No século XI o culto de Santa Catarina de Alexandria começou a popularizar-se no Ocidente. Segundo Jacques de Voragine, na *Legenda Aurea*, um monge de Rouen foi em peregrinação ao monte Sinai, para onde os anjos teriam transportado o corpo de Santa Catarina após o martírio, e ali permaneceu sete anos a serviço da santa. Antes de voltar, rogou à santa Catarina que lhe concedesse alguma parcela do seu corpo como relíquia. Imediatamente, um de seus dedos se desprende da mão. O monge alegremente recebeu esse presente como resposta à sua súplica e levou a relíquia para o seu mosteiro (9).

Não eram só os monges, como esse de Rouen, que faziam longas viagens para venerar as relíquias de Santa Catarina no Monte Sinai. A tumba da gloriosa mártir tornara-se ponto inevitável entre os lugares sagrados da Terra Santa procurados pelos peregrinos. Haja vista o relato feito pelo nobre Ogier d'Anglure, *Le Sant Voyage de Jherusalem*, escrito no fim do século XIV, e no qual ele se refere à sua estada na abadia de Santa Catarina (10).

(9). — Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, t. II, pág. 386-395. Traduction de Roze. Paris, Garnier-Flammarion, 1967. Sobre a translação das relíquias; *Sanctae Catharinae Virginis et Martyris Translatio et Miracula Rotomagensis saec. XI*, in *Analecta Bollandiana*, T. XXII (1903), Bruxelas, Société Bollandistes, pág. 423-438.

(10). — *Le Saint Voyage de Jherusalem d'Ogier d'Anglure*, in *Jeux et Sapiencie du Moyen Age*, ed. Albert Pauphilet. Paris, La Pléiade, 1951, pág. 411.

Por outro lado, é fácil imaginar como avultaria para as moças o exemplo sugestivo de Catarina como jovem estudiosa, letrada, que chegou a ser invocada por padroeira de filósofos e de teólogos, quando se atente para certos passos da biografia da santa escrita no século XV por Jean Mielot, um dos secretários de Felipe, o Bom, duque de Borgonha. Diz Mielot, por exemplo, que a mãe de Catarina fez com que a filha aprendesse a executar trabalhos de seda, e Catarina o aprendeu tão bem que, logo se tornou mestra na arte. O pai, por sua vez, percebendo o talento da filha deu-lhe os melhores mestres de gramática, lógica e retórica, bem como em filosofia natural e moral, e o resultado foi que Catarina

“fut faite une moult excellente maitresse em toutes les parties des sciences profanes” (11).

Aliás, no fim da sua biografia, Jacques de Voragine observa que Santa Catarina foi perita em todas as partes da filosofia teórica, prática e racional ou lógica. Mas além do domínio da ciência profana, Catarina foi admirável pelo conhecimento da Sagrada Escritura, pela prática da castidade e pela firmeza inabalável que revelou por ocasião do martírio.

Não resta dúvida, por conseguinte, de que os clérigos da Universidade de Paris souberam escolher a sua padroeira.

(11). — Jean Mielot, *Vie de Ste Catherine d'Alexandrie*. Paris, Georges Hurtrel, 1881, pág. 47-53.